

"Saia do caminhão!"

MICHAEL WELZENBACH

Para salvar o amigo, ele teria de entrar num inferno em chamas

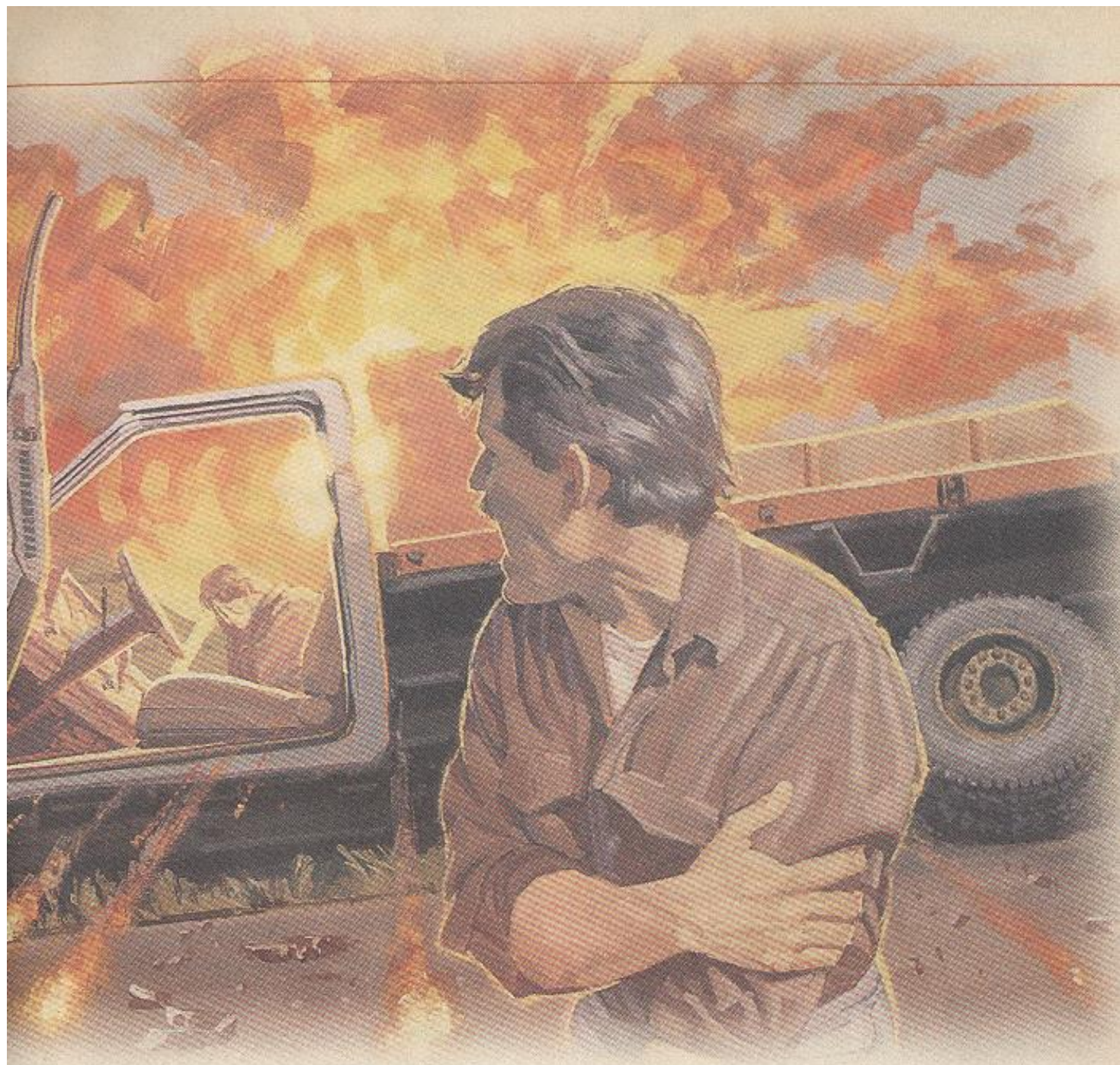
RECÉM-CHEGADO do Camboja, onde supervisionara a construção de alojamentos para a equipe da ONU, Lyle Schweighardt, 28 anos, apreciava a paisagem familiar enquanto dirigia em direção a Saskatoon. Capataz da McLellan Fencing, terminara um serviço em Swift Current, a uns 265 quilômetros de Saskatoon.

Apesar de ter trabalhado em todo o mundo – em lugares remotos, frequentemente perigosos como Angola e o Deserto do Saara –, Lyle era um rapaz

caseiro. Conhecera a mulher Patty no hotel Saskatoon Inn, onde ela agora chefiava a recepção. Seus pais também moravam na cidade, e sempre tomavam conta das filhas do casal, Meagan e Rebecca.

Na cabine dupla do caminhão Ford, naquela tarde de 4 de agosto de 1993, estavam Lyle e Keith Doepker, 18 anos, seu amigo e parceiro. O robusto Keith, que pesava mais de 100 quilos, era filho de Allan Doepker, ex-contramestre de Lyle e um de seus maiores amigos.





O caminhão de uma tonelada rebocava um *trailer* de seis metros, carregando pequeno trator. A parte de trás da cabine estava cheia de equipamento pesado: duas enormes caixas de ferramentas, fardos de correntes e pesadas colunas de aço galvanizado, muitas com bases de concreto. Atrás da cabine, duas latas de gasolina para o trator.

– Daqui a meia hora estaremos em casa – disse Lyle, o velocímetro marcando 100 km/h. Havia poucos carros na estrada. Depois de 11 semanas de

trabalho, com folgas somente nos fins de semana, estava ansioso por um pouco de descanso com a família.

Olhou para o relógio. Quase 16h30.

Perto da aldeia de Zealândia, viu três veículos aproximando-se em sua direção. Um grande caminhão atrás, e dois carros na frente dele. O primeiro carro, um Mercury cinza-claro, chamou-lhe a atenção. Cruzava a faixa central em direção à sua pista.

– O quê...? – assustou-se Lyle, apertando a buzina.

O Mercury estava a uns cem me-

tros de distância, aproximando-se em velocidade.

Havia pouco tempo para reagir. Lyle pisou no freio e girou o volante para a direita. Os pneus cantaram quando as nove toneladas do caminhão e do *trailer* se desviaram para o acostamento. Mas o Mercury continuou a ir em sua direção.

HOUVE UM ESTRONDO imenso quando o metal bateu no metal. Ao chocar-se com o caminhão e o *trailer*, o carro foi lançado para trás como um copo de papel amassado, só parando no meio da pista a 35 metros de distância. Com o impacto, o rosto de Lyle chocou-se contra o painel, fraturando seu nariz. Enquanto nuvens de poeira cercavam o caminhão, ele, atônito, via o próprio *trailer* passar do lado do motorista e mergulhar na vala do acostamento. Segundos depois, o caminhão balançava e parava, após seguir o *trailer* para a vala e bater com força em sua traseira. Agora o caminhão estava num ângulo de 45 graus com a estrada, inclinado para dentro da vala.

Por um momento Lyle ficou sentado, atordoado, olhando entorpecido através do capô amassado que bloqueava a visão do pára-brisa estilhaçado. Olhou para o jovem amigo. Keith estava sentado, caído junto à porta, a cabeça entre as grandes mãos.

– Keith, você está bem?

Ele balançou a cabeça devagar.

– Sim. Acho que sim.

– Vamos sair daqui!

Com a mão direita, Lyle puxou a maçaneta, depois encostou o ombro esquerdo na porta e levantou-a. O me-

tal torcido rangeu e cedeu. Do outro lado da cabine, Keith atrapalhava-se com a maçaneta.

Lyle chegou à beira do assento e quase caiu. Embora não sentisse dor, havia algo errado com a mão e o tornozelo esquerdos.

Carros e caminhões começavam a formar longas filas no local. Lyle mal percebia as pessoas que saltavam dos veículos.

De repente ouviu tremenda explosão atrás de si, e sentiu um vento nas costas. Cambaleando, virou-se para ver a cabine do caminhão envolta em chamas. Uma das latas, rompida, detonara, espalhando gasolina para todos os lados.

Keith ainda está na cabine, pensou. Meu Deus, o tanque pode explodir a qualquer momento!

Pela porta do motorista – aberta –, viu Keith encolhido no outro lado da cabine, mexendo-se para frente e para trás com a cabeça entre as mãos. A janela de trás da cabine quebrara, e perigosas línguas de fogo começavam a brotar lá de dentro.

– Keith! – gritou Lyle. – Pelo amor de Deus, saia do caminhão! – Mas Keith parecia não ouvir. – Keith! – gritou de novo, desesperado.

Lyle levou a mão ao rosto enquanto as chamas saíam da porta aberta e a fumaça preta subia ao céu. O calor era inacreditável. Ninguém duraria muito naquele inferno.

Já passara por situações difíceis – mas nada como aquilo. Nas áreas de guerra em Angola supervisionara dezenas de trabalhadores. Lá, o maior perigo eram bombas espalhadas pelo

chão. Um homem fora gravemente ferido por uma delas. Ele próprio quase pisara numa, e o incidente reforçara seu profundo senso de responsabilidade por aqueles que o cercavam.

Apenas alguns dias antes, vira um terrível acidente: um carro capotado, queimado, na estrada. Pensara no que teria feito se estivesse lá na hora do incêndio. Agora sabia.

LYLE FORÇOU-SE CONTRA o inferno do que um dia fora a cabine do caminhão. A um metro da porta aberta o calor terrível começou a chamuscar seu cabelo e as sobrancelhas. Mas precisava continuar. Não podia suportar o pensamento de ter de dizer a Allan Doepker que o filho morrera.

A porta queimava quando a abriu mais e entrou. Pelas labaredas, viu que a camisa de trabalho e a camiseta de Keith estavam em chamas. O rapaz gritava com as mãos no rosto. No entanto, continuava sentado, mexendo-se.

Subitamente enfurecido, Lyle levantou-se e passou pela porta. O lado do passageiro estava mergulhado na vala. Para chegar até Keith teria de se abaixar pelo assento em chamas, com o rosto no fogo. As labaredas lambiam-lhe o peito e os braços. A fumaça o sufocava.

– Vamos, Keith! – berrou. – Alcançou o braço do jovem.

O tecido da camisa de Keith desmanchava-se em sua mão. Depois, com força adquirida em consequência do absoluto desespero, agarrou Keith e começou a puxá-lo.

Os mais de 100 quilos de músculos e ossos inertes não se moviam facil-

mente. Encontrando reservas de força que nunca imaginara ter, Lyle apoiou os joelhos contra o assento em chamas e puxou o amigo.

A única reação de Keith foi pôr as mãos nos olhos com mais força e gritar: – Meu rosto! Meu rosto!

Por fim, Lyle conseguiu trazer o amigo gigante para a beira do assento.

Pulando outra vez sobre o tornozelo machucado, usou novamente de toda a força sobre o tronco de Keith e arrastou-o para fora até a margem da estrada. Havia fogo e gasolina em volta do caminhão. Tinha de tirar Keith dali.

Mas antes que Lyle pudesse fazer outro movimento, Keith pulou no as-

O calor chamuscou o cabelo e as sobrancelhas de Lyle – mas ele precisava continuar

falto em agonia e foi para o meio da estrada, remexendo as costas e os ombros em chamas. Seu cabelo também estava pegando fogo.

Preciso deitá-lo e rolá-lo, pensou Lyle. Senão vai queimar até morrer nas próprias roupas.

Mancando sobre o tornozelo ferido, foi atrás de Keith, agarrou-o e jogou-o no chão. Tremeu com a dor do fogo nas mãos ao segurar o amigo. Tentou rolá-lo, mas ele se debateu e levantou de novo, gritando de dor e batendo nas chamas ao redor do pescoço.

Lyle correu atrás dele.

– Precisa se deitar! – gritou, ao agarrá-lo do outro lado da estrada.

Depois, rolou-o na grama, batendo na camisa em chamas com as duas mãos, que agora estavam quase em carne viva.

Keith lutava. No entanto, dessa vez Lyle o segurou pela camisa. Retalhos do tecido derretiam nas costas e no pescoço de Keith. A pele carbonizada saía junto com o material. As roupas ensopadas de gasolina tinham de sair. Não importava o que Keith lutasse e gritasse: Lyle ficaria com ele. Finalmente as peças em chamas caíram no chão. Keith começou a se acalmar, afastando os braços do corpo na tentativa de esfriá-los.

Lyle, então, voltou-se para o outro veículo. Ouviu uma sirene quando cambaleava de volta, exausto, para o Mercury cinza. Mas seu tornozelo quebrado já suportara tudo o que podia. Tropeçando, de súbito encontrou o caminho bloqueado por um homem mais velho que lhe disse, com gentileza:

– Não deve ir até lá. Não há nada que possa fazer. Você está ferido. Venha; sente-se.

Toda a força dos ferimentos atingiu Lyle quando ele, cansado, se sentou à beira da estrada ao lado de Keith. Examinou o pulso inchado e torcido, as mãos que doíam desesperadamente, em carne viva. O tornozelo também estava inchado e deformado. Triste, lembrou-se de que era a mesma perna que havia quebrado no ano anterior, ao escorregar no gelo do quintal.

A AMBULÂNCIA E a polícia foram chamadas por outro motorista de cami-

nhão, através de um telefone celular. Naquele exato momento, um carro cheio de enfermeiras estava a caminho do Hospital Rosetown. Em minutos, desviou-se para o local do acidente. Examinando o horrível estado do Mercury, as enfermeiras descobriram que a motorista, uma senhora, morrera instantaneamente. Policiais disseram que ela dormira ao volante. Por milagre, a neta de 9 anos, que viajava no banco da frente a seu lado, sobrevivera – apesar dos ferimentos.

Enquanto uma enfermeira a atendia, duas outras ajudavam Lyle e Keith. Não havia espaço para Lyle na ambulância, por isso ele foi levado ao hospital num carro da polícia.

DOIS ANOS DEPOIS, os amigos estavam sentados no quintal de Lyle Schweighardt, sob o sol de uma tarde de agosto. O tornozelo esquerdo de Lyle fora fixado no lugar por meio de incômoda atadura. Depois de duas cirurgias, ele ainda caminhava com muita dificuldade. Parafusos metálicos prendiam-lhe o pé. As mãos, apesar de feridas, haviam ficado boas, mas seus dias de construção tinham acabado.

“Estou estudando cálculo e trabalhando com computadores agora”, disse a Keith com um sorriso no rosto grande e redondo. “Quero fazer projetos.” Keith balançou a cabeça com simpatia. Alguns segundos de horror haviam mudado a vida deles para sempre. Mas a ação rápida e altruísta de Lyle dera a Keith a chance de continuar vivo.

Depois de dois meses no hospital e

dois enxertos de pele, Keith preocupava-se com a aparência. O rosto estava parcialmente desfigurado, e as lesões nos ombros, pescoço e braços eram quase todas escondidas pelas roupas. Finalmente se conformou, vendo que tinha sorte de estar vivo. Nos últimos meses, estudara gravação musical em Ontário, e se preparava para ir até a Costa Oeste trabalhar na produção de discos.

Lyle sorriu para o amigo com afeto.

– Bem – disse –, foi um inferno sair do ramo da construção! Lembra-se

daquela vez em que cavamos o esgoto por engano e você ficou coberto de...

Os dois caíram numa gostosa gargalhada.

– Foi horrível mesmo! – concordou Keith.

Beberam cerveja gelada e sentiram o delicioso aroma de bife e espiga de milho. Era realmente bom estar vivo.

No dia 17 de junho de 1994, Lyle Schweighardt foi condecorado com a Medalha de Bravura.



Histórias de marido e mulher

APÓS ASSISTIR A UM PROGRAMA de televisão em que fora entrevistada, fiquei preocupada com meu aspecto.

– Estou assim tão feia? – perguntei a meu marido.

Após uma pausa, ele respondeu:

– Eu te reconheci.

Jane D. Garrison, EUA

CHOVIA QUANDO SAÍ DO SALÃO de beleza, motivo pelo qual a cabeleireira me deu um saco plástico para colocar sobre a cabeça, protegendo o penteado. Quando cheguei em casa, meu marido comentou:

– Você passou quatro horas e gastou 80 dólares no cabeleireiro para chegar em casa com um saco de plástico na cabeça?

Zerelda Geis, EUA

CERTA NOITE, APÓS O JANTAR, decidimos dar um passeio em família, e perguntei a meu marido se estava bem vestida. Ele respondeu:

– Está ótima, querida. Além disso, vai anoitecer já, já... Carol A. Brown, EUA

HAVIA ANOS NÃO FAZIA exame oftalmológico e minha mulher andava insistindo para eu fazer um. Fui protelando, protelando, até que um dia ela me marcou hora no médico.

Na véspera da consulta, eu estava me sentindo muito carinhoso com ela; beijei-a, abracei-a e disse que ela era linda.

– Pronto! Agora vou ter de sair daqui correndo para cancelar a hora no oculista! – comentou minha cara-metade.

Edgar M. Burris, EUA